

Fédération Internationale des Instituts d'Études Médiévales
TEXTES ET ÉTUDES DU MOYEN ÂGE, 90

SECRETS AND DISCOVERY IN THE MIDDLE AGES



Edited by
José Meirinhos, Celia López Alcalde and João Rebalde

Barcelona - Roma
2017

Fédération Internationale des Instituts d'Études Médiévales
TEXTES ET ÉTUDES DU MOYEN ÂGE, 90

SECRETS AND DISCOVERY IN THE MIDDLE AGES



FÉDÉRATION INTERNATIONALE DES INSTITUTS D'ÉTUDES MÉDIÉVALES

Présidents honoraires :

L. E. BOYLE (†) (Biblioteca Apostolica Vaticana et Commissio Leonina, 1987-1999)

L. HOLTZ (Institut de Recherche et d'Histoire des Textes, Paris, 1999-)

Président :

J. HAMESSE (Université Catholique de Louvain, Louvain-la-Neuve)

Vice-Président :

G. DINKOVA BRUUN (Pontifical Institute of Mediaeval Studies, Toronto)

Membres du Comité :

A. BAUMGARTEN (Universitatea Babeş-Bolyai, Cluj-Napoca)

P. CAÑIZARES FÉRRIZ (Universidad Complutense de Madrid)

M. HOENEN (Universität Basel)

M. J. MUÑOZ JIMÉNEZ (Universidad Complutense de Madrid)

R. H. PICH (Pontificia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre)

C. VIRCILLO-FRANKLIN (Columbia University, New York)

Secrétaire :

M. PAVÓN RAMÍREZ (Centro Español de Estudios Eclesiásticos, Roma)

Éditeur responsable :

A. GÓMEZ RABAL (Institución Milá y Fontanals, CSIC, Barcelona)

Coordinateur du Diplôme Européen d'Études Médiévales :

G. SPINOSA (Università degli Studi di Cassino)

Fédération Internationale des Instituts d'Études Médiévales
TEXTES ET ÉTUDES DU MOYEN ÂGE, 90

SECRETS AND DISCOVERY IN THE MIDDLE AGES.

PROCEEDINGS OF THE 5th EUROPEAN CONGRESS OF THE FÉDÉRATION
INTERNATIONALE DES INSTITUTS D'ÉTUDES MÉDIÉVALES
(PORTO, 25th TO 29th JUNE 2013)

Edited by

José MEIRINHOS, Celia LÓPEZ ALCALDE and João REBALDE

Barcelona - Roma
2017

Volume published with the support of the Fundação para a Ciência e a Tecnologia (Portugal) – strategic project of the Instituto de Filosofia da Universidade do Porto (Ref. UI&D/Fil/00502).



ISBN: 978-2-503-57745-6

All rights reserved. No part of this publication may be reproduced, stored in a retrieval system or transmitted, in any form or by any means, electronic, mechanical, photocopying, recording or otherwise, without the prior permission of the publisher.

© 2017 Fédération Internationale des Instituts d'Études Médiévales.
Largo Giorgio Manganelli, 3
00142 Roma (Italia)

In memoriam
Oliviae Remie Constable

TABLE OF CONTENTS

José MEIRINHOS, Preface	XI
<i>Scientific Reading Committee of the Proceedings and Congress Committees</i>	XV
PLENARY LECTURES	
Catarina BELO, Theories of Prophecy and the Faculties of the Soul in Medieval Islamic Philosophy	3
Peter BILLER, Heretics Doing Things Secretly	15
Pascale BOURGAIN, <i>Non sine mysterio</i> . Percevoir et exprimer le secret des desseins de Dieu	27
Enrique MONTERO CARTELLE, María de la Concepción VÁZQUEZ DE BENITO, El descubrimiento de una falsedad: el <i>De stomacho</i> de Constantino el Africano y su fuente árabe	41
SECTION PAPERS	
Nature and Knowledge	
Constantin TELEANU, La découverte démonstrative des secrets au moyen de l' <i>Ars inventiva</i> de Raymond Lulle	63
Isabel MATA, Conocimiento y vida en una lápida hispanohebrea medieval	83
Prophecy and Eschatology	
António REI, Profetismo moçárabe e/ou ideologia prospetiva neo-goda (sécs. VIII-XI)	101
Oscar PRIETO DOMÍNGUEZ, Profecías de Muerte en la Grecia Medieval: elementos para la identificación de una escuela hagiográfica	113
Helena Avelar de CARVALHO, Prophecy and Divination in the Portuguese Royal Court	127
Relics and Secrecy	
Susana GALA PELLICER, Secretos a voces: teatralidad y escenografía de las reliquias en el <i>Decamerón</i> y los <i>Cuentos de Canterbury</i>	141
María Isabel CABRERA RAMOS, La Sagrada Lanza: un dilema milenario entre la fe y la historia	155
José SOTO CHICA, El emperador Heraclio, el verdadero Monte Ararat y las reliquias de Noé	167
Secrets of the Religious Life	
Alfonso GARCÍA LEAL, Las visiones de Suero: la leyenda fundacional del monasterio de Corias	175
Maria Amélia Álvaro de CAMPOS, Um segredo mal guardado? O papel das sargentas na vida dos beneficiados de Santa Justa de Coimbra (séculos XIV e XV)	187

Ciro ROMANO, Nel segreto del chiostro: spunti di vita quotidiana in un monastero femminile nella Napoli tardo medievale	199
Government and Diplomacy	
Luigi Andrea BERTO, Segreti a Venezia nell'Alto Medioevo. La visita di Ottone III e il «codice segreto» della «Istoria Veneticorum» di Giovanni Diacono	213
Abel ESTEFÂNIO, From Secrecy to Oblivion and from Discovery to Loss: What is Left of the Renowned «Pacto Sucessório»?	223
Arnaud FOSSIER, What Exactly is the <i>forum confessionis</i> ? Secrecy and Scandal in Church Governance (12 th -14 th centuries)	237
James PLUMTREE, Sex, Lies, and Visitations: Secrets and Discovery in the Registers of John Waltham and John Chandler	247
Woman's Secrets	
Sara SEGOVIA ESTEBAN, <i>Verentur enim narrare mulieres</i> : Female Disease as a Cause of Embarrassment	261
Dulce María GONZÁLEZ DORESTE, Francisca del Mar PLAZA PICÓN, «Mulierem ornat silentium». El secreto y la instrucción de las mujeres en algunos tratados medievales	269
Medieval Arts	
Maria Leonor BOTELHO, <i>Dominus Exercituum</i> . Apotropaic Guardians at the Thresholds of Portuguese Churches of the Romanesque Period	285
Marta Miriam Ramos DIAS, A Morte e o Além – a incerteza do destino da alma na arte funerária medieval	297
Unknown Worlds and Travel Literature	
Maila GARCÍA-AMORÓS, La leyenda artúrica, Bizancio y el comercio alejandrino: una relación desconocida	311
Thomas HORST, The Secrets of Terrestrial Paradise on Medieval Iconography	319
Carlos MARTÍNEZ CARRASCO, Axūm, el Reino del Preste Juan: entre el Cristianismo y el Islam	337
Literary Secrets	
Eduarda RABAÇAL, O segredo e a queda do mundo arturiano	351
Sofia BALIBREA GONZÁLEZ, Le silence de Grisélidis dans <i>Le Mesnagier de Paris</i>	361
Carla Sofia dos Santos CORREIA, Segredo e descoberta na poesia galego-portuguesa e no <i>Amadis de Gaula</i>	371
Philology and Texts' Transmission	
Mercè PUIG RODRÍGUEZ-ESCALONA, M. ^a Antonia FERNÁNDEZ PALLICER, El proceso legal contra la falsificación de documentos en la Cataluña altomedieval: el obispado de Elna contra Ermel·la (año 1000)	381
Pere J. QUETGLAS, Ana GÓMEZ RABAL, Vicios ocultos y virtudes públicas. Lo que se esconde detrás de la documentación latina medieval catalana	391
Marta CRUZ TRUJILLO, Fuentes ocultas en el manuscrito 981 de la Abadía de Montserrat	401
Antonio ESPIGARES PINILLA, Un florilegio bíblico junto a las <i>Auctoritates Aristotelis</i> en el manuscrito BNE 3057	415

Discovering the Classics

- Cristina MARTÍN PUENTE, José Ignacio ANDÚJAR CANTÓN, El (re)descubrimiento de la figura de Ovidio en la Edad Media 431
- Pilar SAQUERO SUÁREZ-SOMONTE, Ovidio en el Medievo hispánico: un nuevo y completo manuscrito del *Bursario* y de una de las cartas originales (*Madreselva a Mauseol*) de Juan Rodríguez del Padrón 445
- Susanna ALLÉS TORRENT, Humanistas y descubrimientos de códices clásicos: la dimensión épica 453

Index

- Index of the Manuscripts 467
- Index of Ancient, Medieval and Renaissance Authors 469
- Index of Modern and Contemporary Authors 475

O SEGREDO E A QUEDA DO MUNDO ARTURIANO

O mundo arturiano constitui um universo narrativo onde os segredos abundam sem que tal ocorra de modo gratuito. Na verdade, estes segredos assumem muitas vezes a função de motor da aventura. Sem nos alongarmos muito, dada a natureza do presente estudo, debruçar-nos-emos aqui sobre o segredo da relação amorosa ilícita entre Lancelot e Guenièvre (ou Lançarot e Genevra, como surgem no texto português) e o modo como esta está no cerne da queda do mundo arturiano. Este tema tem uma existência narrativa muito vasta, visto que percorre, de modo mais ou menos evidente, diversos romances da matéria arturiana, em verso e em prosa, e termina apenas com a morte dos intervenientes no momento final, já na matéria narrada na *Mort Artu*, que encerra o ciclo em prosa.

Neste trabalho, restringiremos a análise a duas obras deste ciclo – o *Livre de Lancelot*¹ e a portuguesa *Demanda do Santo Graal*². Para uma melhor compreensão do que se expõe no que diz particularmente respeito ao *Lancelot*, designamos como parte inicial a matéria constante no *Lancelot* não cíclico, onde é narrada a vida do cavaleiro epónimo desde o momento da guerra entre o rei Claudas e o seu pai, o rei Ban de Benoit, a que se seguiu o desaparecimento de Lancelot levado pela Dame del Lac, até ao momento da morte de Galehot devido ao desgosto causado pela falsa notícia da morte de Lancelot. Teremos em atenção, inevitavelmente, as divergências verificadas nos diferentes manuscritos em que encontramos os episódios finais da referida parte

* Universidade do Porto, SMELPS/IF/FCT; edu8mar@gmail.com.

¹ O *Lancelot* compreende uma versão não cíclica, que narra a história até ao episódio da «Fausse Guenièvre» e culmina com a morte de Galehot, e uma versão cíclica que não só retoma a matéria já narrada na versão não cíclica, como também reescreve o referido episódio da «Fausse Guenièvre», introduzindo novos elementos que permitirão dar continuidade ao romance e incluir a matéria do Graal. O *Lancelot* não cíclico foi editado e amplamente estudado, a partir do manuscrito 768 da Bibliothèque Nationale de France, por E. KENNEDY (*Lancelot and the Grail*, Clarendon Press, Oxford 1986); já a edição mais recente do *Lancelot* cíclico foi promovida pelas Lettres Gothiques, sob a direção de M. ZINK, a partir dos manuscritos 768 e 752 da Bibliothèque Nationale de France: F. MOSÈS (ed.), *Lancelot du Lac*, Librairie Générale Française, Paris 1991 (2. ed. revista 2012); M. L. CHÈNERIE (ed.), *Lancelot du Lac – II*, Librairie Générale Française, Paris 1993; F. MOSÈS – L. LE GUAY (eds.), *Lancelot du Lac III – La Fausse Guenièvre*, Librairie Générale Française, Paris 1998; Y. LEPAGE – M. L. OLIER (eds.), *Le val des amants infidèles – Lancelot du Lac IV*, Librairie Générale Française, Paris 2002; Y. LEPAGE – M. L. OLIER (eds.), *L'enlèvement de Guenièvre – Lancelot du Lac V*, Librairie Générale Française, Paris 1999. A versão ibérica conhecida deste romance, preservada no ms. 9611 da Biblioteca Nacional de Madrid e editada por A. CONTRERAS MARTIN – H. L. SHARRER (eds.), *Lanzarote del Lago*, Centro de Estudios Cervantinos, Madrid 2006, apenas contém a parte II e uma porção da parte III do romance cíclico, tendo sido recentemente estudada por I. CORREIA, *Do Lancelot ao Lançarote de Lago. Tradição textual e difusão ibérica do romance arturiano contido no ms. 9611 da Biblioteca Nacional de Espanha*, Estratégias Criativas, Porto 2013.

² O romance contido no manuscrito 2594 da Biblioteca Nacional de Viena tem a sua edição mais recente realizada por I. NUNES (ed.), *A Demanda do Santo Graal*, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, Lisboa 2005.

inicial³. A parte cíclica consiste na continuação do romance com vista a integrá-lo no ciclo arturiano, desenvolvendo as aventuras de Lancelot e dos companheiros da Távola Redonda e anunciando a demanda do Graal⁴.

O primeiro contato entre os amantes tem lugar aquando da primeira ida à corte de Artur, onde Lancelot se desloca acompanhado pela Dame del Lac com o intuito de ser armado cavaleiro. O jovem fica, desde logo, deslumbrado ao ver Guenièvre, manifestando o seu apreço e desejo de ser cavaleiro da rainha ainda antes da investidura⁵. Efetivamente, Lancelot acaba por partir da corte em busca de aventuras antes de ser armado cavaleiro pelo rei Artur, facto que Lancelot desvaloriza pois pretendia sê-lo por outra pessoa, que cremos ser a rainha⁶. Contudo, aquando da sua partida, Lancelot carrega consigo já o segredo do amor que o liga a Guenièvre, que esta incautamente alimentou ao chamar-lhe «amigo» e ao tocar-lhe com a mão nua⁷, o que ele usará mais tarde para justificar a sua dedicação à rainha.

Neste momento, o segredo que acompanha esta relação parece inscrever-se na deriva cavaleiresca da ideologia da *fin'amors*, em que o cavaleiro realiza proezas cavaleirescas, através da aventura, procurando o mérito que o tornará merecedor do amor da rainha⁸. Neste sentido, há ainda outros elementos que nos permitem filiar esta relação neste código de conduta cortês. Referimo-nos por exemplo ao episódio em que, estando aprisionado pela Dame de Malohaut, Lancelot recusa revelar a identidade da mulher amada, como convinha, visto esta ser casada⁹. Do mesmo modo e mais adiante, na companhia de Galehot, o cavaleiro oculta ao companheiro a razão da sua

³ Falamos do texto contido nos manuscritos 768, 752 e 751 da Bibliothèque Nationale de France e no manuscrito 865 da Bibliothèque de Grenoble.

⁴ Sobre a organização do ciclo em prosa, veja-se a já provectora mas sempre útil abordagem de F. LOT, *Étude sur le Lancelot en prose*, Librairie Honoré Champion, Paris 1954 (reprint da edição de 1918). Para uma problemática mais recente, consultar C. CHASE, «La fabrication du Cycle du Lancelot-Graal», *Bibliographical Bulletin of the International Arthurian Society*, vol. 61 (2009), 261-278. Sobre o ciclo arturiano na Península Ibérica, ver F. BOGDANOW, *The Romance of the Grail. A Study of the Structure and Genesis of a Thirteenth-Century Arthurian Prose Romance*, Manchester University Press – Barnes & Noble Inc., Manchester/New York 1966, e J. MIRANDA, *A Demanda do Santo Graal e o Ciclo Arturiano da Vulgata*, Granito, Porto 1998.

⁵ «Dame, fait il, vostre merci. Dame, fait il, se vos plaisoit, ge me tandroie en quel que leu que ge alasse por vostre chevalier. Certes, fait ele, ce voil ge mout» (*Lancelot I*, op. cit., p. 458).

⁶ «Il s'an vait, et messire Yvains l'atant; mais il n'a talent de retourner, car il n'atant pas a estre chevaliers de la main lo roi, mais d'un[e] autre dont il cuidera plus amender» (*Lancelot I*, op. cit., p. 460).

⁷ «Atant l'na lieve la reine par la main sus, et il est mout a eise qant il sant a sa main tochier la soe main et tote nue» (*Lancelot I*, op. cit., p. 458).

⁸ Sobre a dimensão social da linguagem da *fin'amors*, ver E. KÖHLER, *Sociologia della fin'amor: Saggi trobadorici*, Padova 1976; para a deriva cavaleiresca desta linguagem, consultar Idem, *L'aventure chevaleresque. Idéal et réalité dans le roman courtois*, Gallimard, Paris 1974, e J. MIRANDA, «Da fin'amors como representação da sociedade aristocrática occitânica», in *Amar de Novo. Participações no Ciclo de Conferências da Associação de Professores de Filosofia*, Fundação Engenheiro António de Almeida, Porto 2005, pp. 123-150.

⁹ «Dame, ge voi bien que par honteuse raençon m'en covient eschaper, se aler m'en voil. Et puis q'ensinc est, miauz me vient il dire ma honte que l'autrui, car bien sachiez que ge ne vos diroie a nul fuer qui ge sui, ne coment ge ai non. Et se ge amoie par amors, issi voirement m'aïst Dex, vos ne savriez já cui, se ge poie» (*Lancelot I*, op. cit., p. 792).

dor quando este se apercebe do seu estado, sendo que Galehot apenas toma conhecimento da natureza dos sentimentos de Lancelot através das suas reações perante a rainha¹⁰. Nas palavras de José Rosa, «O amante dá-se em exclusivo à sua amada, guarda segredo do seu amor (‘o amor conhecido por todos dura pouco’) e é-lhe absolutamente fiel»¹¹. Assim, «Le secret est la *condition* d’un amour interdit»¹².

A consciência da necessidade de ocultação desta relação não é exclusiva do cavaleiro, mas é partilhada pela rainha e por outras personagens, como veremos adiante. No caso da rainha Guenièvre, esta manifesta a necessidade de ocultar a relação logo aquando dos primeiros encontros, com a ajuda de Galehot, sendo explícito o desejo de discrição nas próprias palavras das personagens intervenientes. De facto, quando Galehot sugere a Guenièvre o beijo para selar o seu amor com o cavaleiro, a preocupação desta incide na ocultação perante as damas que se encontram perto:

Do baiser ne voi ge ores mies ne leu ne tans, et n’na dotez pas que ge ausi volantiers n’na soie desirranz com il na soît. Mais ces dames sont aqui elueces, que se mervoillent mout que nos avons tant fait, si ne porroit estre que eles ne lo veïssient. Et neporqant, se il lo velt, gel baiseraï mout volentiers¹³.

Também Lancelot manifesta a mesma preocupação quando Galehot lhe sugere o encontro, afirmando que este poderá ter lugar desde que ninguém saiba: «Mais il convara, fait il, qu’il soît fait si celleement que riens nel sache»¹⁴. Não podemos esquecer que esta relação é ilícita, mas vantajosa para ambas as partes. Recorde-se, por exemplo, o regresso de Artur, após ter sido raptado pelos Saxões. O rei chega à corte acompanhado por Lancelot, que o salvou, e a rainha corre a abraçar e beijar o cavaleiro como demonstração de agradecimento, sem que isso seja considerado um desvio moral. Na verdade, o excerto que reproduziremos de seguida ilustra o agrado do rei com a postura da rainha, pois esta mostrou reconhecimento pela proeza do cavaleiro.

Et lors anvoie li rois querre la reine. Et ele vient, si li saut chascuns a l’ancontre an la tor. Et ele laisse toz les autres, si giete les braz a Lancelot au col, si lo baise voiant toz cels qui laianz estoient, por ce que toz les an voloit decevoir et que nuns n’i pansast ce qu’i est. Ne nuns ne la voit qui miauz ne l’an ait prisiee, mais il an est trop hontous. Et ele li dit: «Sire chevaliers, ge ne sai qui vos ighestes, ce poise moi; ne ge ne vos sai que offrir por l’annor mon seignor avant et por la moie après, que vos avez hui maintenue. Mais por lui avant et

¹⁰ «Et neporqant mout s’esforce de bele chiere faire et se lieve encontre Galehot. Et cil lo prant par la main, si lo trait sol a sol a une part et li dit: «Biau compainz, por quoi vos ociez vos ensi? Dont vos vient cist diaus que vos avez tote nuit mené et fait?» Et cil lo li nie mout et dist que ensi se plaint il sovant na son dormant. «Certes, fait Galehoz, ainz pert mout bien a vostre cors et a voz iauz que vos avez mout grant diau mené. Mais por Deu vos pri que vos me dites l’achoisson. Et bien sachiez que nule si granz mesestance n’est don ge ne vos ait a giter se nus hom consoil i puet metre» (*Lancelot I*, op. cit., p. 856).

¹¹ J. ROSA, «A transfiguração espiritual do amor cortês em Bernardo de Claraval», in M. S. DE CARVALHO – M. N. HENRIQUES (Org.), *Amar de Novo. Ciclo de Conferências da «Associação de Professores de Filosofia»*: O Amor na Idade Média, Fundação Eng. António de Almeida, Porto 2005, p. 76.

¹² F. LE NAN, *Le secret dans la littérature narrative arthurienne (1150-1250). Du Lexique au motif*, Honoré Champion, Paris 2002, p. 376.

¹³ *Lancelot I*, op. cit., p. 894.

¹⁴ *Lancelot I*, op. cit., p. 868.

por moi après vos otroi ge moi et m'amor, si comme leiaus dame doit doner a leial chevalier.» Et qant li rois l'ot, si l'am prise mout de ce que ele l'a fait sanz estre anseignee¹⁵.

Assim, a manutenção deste segredo não acautela apenas a observância dos deveres conjugais de Guenièvre e o mérito, por parte do cavaleiro, de ter o amor da rainha – pois só os melhores o conseguem¹⁶ –, mas tanto esta como o seu marido beneficiavam também com a possibilidade de manter o melhor cavaleiro na corte, ao serviço da casa real.

Este será sempre um segredo semi-revelado, na medida em que, para levar a bom porto os seus encontros, Guenièvre e Lancelot acabarão por incumbir outras personagens de os ajudar. Num primeiro momento, essa tarefa caberá a Galehot e à Dame de Malohaut, que protagonizam durante algum tempo um aparente par amoroso e que, em momento algum, colocam a possibilidade da revelação desta relação a ninguém, ação curiosa se pensarmos que a Dame de Malohaut era aliada do rei Artur, devendo-lhe lealdade. Este segredo apresenta, assim, uma dimensão algo ambígua no que diz respeito à validade das posições das personagens, em que os preceitos da *fin'amors* e os laços feudo-vassálicos convivem lado a lado numa espécie de ocultação revelada, dado que várias são as personagens que aceitam ou assumem manter o segredo em nome de um possível bem maior.

Este conceito de bem maior não se pauta sempre pelos mesmos traços. Pode mesmo afirmar-se que na parte inicial do *Lancelot* (cíclico) o bem maior se apresenta como um elemento característico da *fin'amors*, naturalmente adaptado à realidade da cavalaria, em que a senhora é casada e a revelação do segredo levaria à condenação de ambos. Para ilustrar o que acabámos de afirmar recorreremos ao episódio em que Lancelot encontra e salva um cavaleiro condenado. Este leva a cabeça da mulher do senhor, com quem tinha uma relação amorosa, presa ao pescoço, sendo o crime do adultério, que conduziria a um desequilíbrio na estrutura social, a razão da condenação de que ambos são alvo¹⁷.

Todavia, a reescrita dos episódios da viagem para Sorelois, da «Fausse Guenièvre» e da morte de Galehot, ou seja, a transição do *Lancelot* não cíclico para o *Lancelot* cíclico, parece alterar o rumo ideológico do texto, passando de um ambiente subordinado à *fin'amors* para um outro em que a relação amorosa entre a rainha e o cavaleiro começa a ser encarada de outro modo¹⁸. Se é certo que a consumação do adultério não é em parte alguma da obra, com exceção da posição da Dame del Lac, uma conduta aceitável, é também verdade que é a partir deste momento que este segredo parece ser

¹⁵ *Lancelot II*, op. cit., p. 576.

¹⁶ A este propósito, refere MIRANDA, «Da Fin'Amors», p. 127, que «só o amor dirigido à mais alta das mulheres é propiciador de prestígio, de *onor*, de aperfeiçoamento interior».

¹⁷ *Lancelot I*, op. cit., pp. 596-600.

¹⁸ Não queremos com isto dizer que à luz da *Fin'Amors* o adultério era uma prática permitida. Tal como já mencionamos a partir do episódio do cavaleiro adúltero, esta era uma traição indubitavelmente condenada. Contudo, a gravidade com que este crime é encarado parece-nos maior na reescrita dos episódios mencionados do que na versão do *Lancelot* não cíclico, posição corroborada por A. LARANJINHA, «Linhagens arturianas na Península Ibérica: o tempo das origens», in G. MARTIN – J. MIRANDA (org.), *Legitimação e Linhagem na Idade Média Peninsular: Homenagem a D. Pedro, Conde de Barcelos*, Estratégias Criativas, Porto 2011, p. 209: «a reescrita do *Lancelot en prose*, identificada por E. KENNEDY e por ela designado *Lancelot* “cíclico”, incorporando a matéria do Graal e integrando o romance num vasto conjunto textual em elaboração, põe em evidência a gravidade do adultério de Lancelot e Genebra».

mais condenável, visto que se preconiza uma necessidade de renovação da cavalaria, concretizada na conceção e nascimento de Galaaz, o cavaleiro casto que irá substituir Lancelot e que exclui do seu horizonte qualquer comportamento adúltero – ou mesmo qualquer interesse sexual – semelhante ao interpretado pelo filho do rei Bam¹⁹. Por conseguinte, a razão evocada anteriormente para a ocultação do segredo começa a desvanecer-se e começa a formar-se aqui uma nova ideia: a de que a revelação desta relação amorosa traria consigo o abalar do universo social construído até então.

Será, contudo, na *Demanda do Santo Graal* que iremos tomar consciência da verdadeira importância deste segredo, que se mantém durante grande parte da diegese. Tal entende-se na medida em que o grosso da narrativa não tem como objetivo central o tratamento desta relação, mas sim a busca do Graal que «assenta numa grande operação de separação do trigo e do joio da cavalaria»²⁰, parecendo a relação entre os amantes relegada para segundo plano. Assim, é apenas na parte final da obra – na *Morte de Artur* –²¹ que veremos ser retomada a questão do segredo que envolve a relação adúltera entre Genevra e Lançarot. Tal não significa que ao longo da *Demanda* não vão surgindo referências a esta ligação entre os amantes; contudo, são apenas elementos pontuais, embora com significações determinantes no desenrolar do enredo. Entre eles, salienta-se o momento em que a rainha pede a Estor que entregue um anel a Lançarot para que este regresse de imediato²², o que evidencia ainda a presença de elementos da *fin'amors*²³, o episódio em que o conde Arnalt pede ao eremita que revele a verdade ao rei Artur, mas sem sucesso²⁴, ou mesmo as visões de Lançarot que não deixam dúvidas quanto à condenação deste amor ilícito. Das duas visões que o cavaleiro teve enquanto descansava debaixo de uma árvore, salientaremos a segunda, onde aparece inequivocamente a rainha Genevra. Se a rainha, que surge no Inferno, se dirige a Lançarot, dizendo que a sua condição de condenada se deve à relação que manteve com este²⁵, o

¹⁹ Diz-nos A. LARANJINHA, «Linhagens arturianas na Península Ibérica: o tempo das origens», in G. MARTIN – J. RIBEIRO (org.), *Legitimação e Linhagem na Idade Média Peninsular. Homenagem a D. Pedro, Conde de Barcelos*, op. cit., p. 209, ser «Galaaz, espécie de novo Lancelot purificado, o único que poderá tomar o seu lugar como melhor cavaleiro do mundo e alcançar o sucesso na busca do Graal».

²⁰ J. MIRANDA, *Galaaz e a Ideologia da Linhagem*, Granito, Porto 1998, p. 187.

²¹ Epílogo que, na versão *pseudo-Boron*, encerra o ciclo em prosa, onde é narrada a cisão irreparável do mundo arturiano.

²² *Demanda*, op. cit., p. 278.

²³ A propósito ainda da matéria narrada no *Lancelot en prose*, A. COMBES, *Les voies de l'aventure. Réécriture et composition romanesque dans le Lancelot en prose*, Champion, Paris 2001, p. 191, reconhece no anel oferecido por Guenièvre um símbolo/elemento do amor cortês, representando a ligação entre a rainha e o cavaleiro: «l'anneau devient donc un accessoire important de l'intrigue, pour investir un autre domaine essentiel du roman, celui de la passion». Poderemos facilmente transpor esta ideia para o que ocorre neste ponto de *A Demanda do Santo Graal*, pois a rainha envia o anel a Lancelot, lembrando-o da sua ligação amorosa, para o persuadir a regressar com urgência, pois teme a sua morte.

²⁴ *Demanda*, op. cit., pp. 324-325.

²⁵ «Ai, Lançarot! Tam mao foi o dia em que vos eu conhoci! Taes sam os galardões do vosso amor! Vós me havedes metuda em esta grande coita em que veedes; e eu vos meterei em tam grande ou em maior, e pesa-me muito, ca pero eu som perduda e metuda em gram coita do inferno, nom querria que avesse assi a vós, ante querria que avesse a mim, se Deus aprouvesse» (*Demanda*, op. cit., pp. 161-162).

que evidencia a condenação do adultério, a aparição e discurso dos pais do cavaleiro – o rei Bam de Benoit e a rainha Elena –, vai no mesmo sentido, pois também eles consideram a relação adúltera a causa do pecado contra Deus e contra direito do cavaleiro que descende de tão alta linhagem²⁶. Assim, «o pecado de Lançarot é uma transgressão à normal moral encarada na sua dimensão espiritual, mas também às normas que regem a sociedade terrestre»²⁷.

É curioso notar que à medida que a presença e a intervenção de Genevra se fazem sentir com menor frequência, a importância da ocultação deste amor com características tão particulares parece desvanecer-se. Contudo, tal é uma ideia errónea. Apesar de não ser exaustivamente tratado durante a maior parte da *Demanda*, este segredo assemelha-se a uma espécie de nuvem negra que ensombra o céu da corte arturiana. Por conseguinte, na parte final, a revelação do segredo é um passo inevitável para o desenrolar da diegese.

A entrada dos sobrinhos de Artur na Sala das Imagens onde Lançarot, enquanto prisioneiro de Morgaim, tinha representado em desenhos, na parede, a sua vida, é o primeiro passo para a completa revelação do segredo. Assim, através das representações gravadas na parede, Mordret, Galvam e Gaeriet tomam conhecimento da relação entre o cavaleiro e a rainha, sendo incitados pela irmã de Artur a revelar a verdade sobre Genevra e Lançarot²⁸. Contudo, a narrativa não está ainda num ponto em que possa suportar o conhecimento por todos da traição protagonizada por estas duas figuras, pois muito há ainda a realizar pelas restantes personagens, dado que a aventura do Graal não está ainda concluída, isto é, o cavaleiro escolhido não alcançou ainda o «Santo Vaso». Isto far-nos-á, desde já, adivinhar o peso que este segredo tem na narrativa, pois é constantemente adiado o momento da sua revelação.

Após várias aventuras e de regresso à corte, os três irmãos, contra a vontade de Galvam, mas apanhados de surpresa por Artur, acabam por revelar o tão temido segredo. É também neste episódio que nos são dadas a conhecer as razões para que Galvam deseje ocultar esta relação e outros o tenham já feito anteriormente²⁹, isto é, o

²⁶ «Aqui u nós somos nom hás tu rem de adubar, ca teu lugar e tua seeda está na casa do Inferno com a rainha Genevra, que te adusse aa morte perdurável tu e ela, se vós antes nom leixades o pecado que ataa aqui mantevestes contra Deus e [74, a] contra a Santa Egreja (...) e tua beldade e teu doairo sam perdudos, ca meteste todo em serviço do demo quando te ajuntaste com a rainha Genevra, que em mau ponto foi nada, e és gram tempo com ela contra Deus e contra direito. Aquel pecado te meterá em tam gram coita ou em maior como tu viste a rainha Genevra» (*Demanda*, op. cit., p. 162).

²⁷ MIRANDA, *Galaaz*, p. 172.

²⁸ «Sobrinhos, por me creres mais do que vos quero dizer, juro-vos por estes sanctos que vos nom mentirei de quanto vos desta estória disser. Entom lhes começou a contar fazenda de Lancelot e da rainha, como se amavam ambos. (...) – Pois que assi é, disse ela, conjuro-vos, pola fê que me devedes e pola rem quem mais no mundo amades, que digades a meu irmão a verdade de Lancelot e da rainha. E devede-lo fazer, ca sodes seus vassalos e seus jurados, e se lho mais encobrirdes seredes perjurados e desleaes» (*Demanda*, op. cit., pp. 213-214). Mesmo que esta intervenção de Galvam possa ser já obra do «refundidor tristaniano», interessado em denegrir a figura de Galvam (cf. A. LARANJINHA, *Artur, Tristão e o Graal. A Escrita Romanesca no Ciclo do Pseudo-Boron*, Estratégias Criativas, Porto 2010, p. 305 e seg.), o seu conteúdo aponta certamente para o contexto político da corte arturiana na iminência da revelação pública da relação amorosa entre Lancelot e Genevra.

²⁹ «Calade-vos, ca nom há mester. Ca, se o al-rei dissermos, tal guerra poderá i nacer per

cavaleiro apresenta o argumento da linhagem para que se continue a ocultar a verdade ao rei Artur, visto que, dada a linhagem de Lançarot, o primeiro dificilmente sairia vitorioso de uma guerra que pudesse ter início na sequência da revelação da relação adúltera entre Genevra e o cavaleiro. Deste modo, se num primeiro momento a manutenção do segredo tinha como objetivo primordial possibilitar que a rainha cumprisse o seu dever de manter o melhor cavaleiro do mundo ao serviço do rei e senhor, acabando por integrá-lo na *Table Ronde*, posteriormente a preocupação com a ocultação desta traição de Lançarot e Genevra é justificada como a tentativa de evitar uma guerra que se poderia revelar fatal para o reino.

A partir deste momento, as ações parecem suceder-se num espaço de tempo muito reduzido³⁰. Após tomar conhecimento da traição, Artur segue a vontade, já antes manifestada por Mordret, de vingar a sua honra³¹. Para tal é preciso que os amantes sejam apanhados juntos para que possam posteriormente ser condenados. Assim, os cavaleiros de Artur passam à ação que os levará a aprisionar e injuriar Genevra, conseguindo Lançarot escapar ileso. A cisão entre a realeza e a melhor cavalaria, já outrora ensaiada, mas rapidamente contida e anulada³², é agora consumada, com a circunstância agravante de a condenação da rainha abrir uma fissura do edifício da realeza que jamais será reposta, nem mesmo quando bem mais adiante, o arcebispo de Conturbel, parente da rainha, sob pena de excomunhão do reino de Logres, forçar o rei a retomar Genevra³³, que se encontrava já com Lançarot na Joiosa Guarda.

Na cena da denúncia final da relação adúltera entre Lancelot e Genevra, contudo, o cavaleiro sai ileso e suficientemente forte para lhe permitir, mais tarde, aquando da condenação da rainha à morte na fogueira³⁴, salvá-la pela força, mostrando o poder

que mais de LX mil homens poderiam i morrer e com todo esto nom poderia seer nossa desonra vingada, ca sobejamente é gram o poder e a linhagem do rei Bam e deus os há em tal honra e em tal poder que nom cuido que podessem seer dirribados per homem. E por esto leixemos-nos em, ca mui gram mala ventura sobejo poderia em nacer. E nom digo esto que eu nom queira peor aa linhagem de rei Bam ca vós nom poderíades cuidar. E se eu visse meu poder, vós veeríades o que eu mostraria» (*Demanda*, op. cit., p. 461).

³⁰ Recorde-se que a matéria correspondente à parte narrada na *Mort Artu* tem uma extensão relativamente pequena no total da obra. Assim, pelo efeito narrativo da reação em cadeia, o autor consegue dar ao leitor a falsa impressão de que tudo se desencadeia num espaço de tempo muito curto.

³¹ «Como quer, disse el, que me ende venha, eu me vingarei de guisa que sempre em falarám. E, se me bem queredes, rogo-vos que mo filhedes i» (*Demanda*, op. cit., p. 463).

³² Referimo-nos ao já mencionado episódio da «Fausse Guenièvre», onde a rainha apenas é salva da morte devido à ação da cavalaria, em particular Lancelot, que luta com três cavaleiros para evitar a aplicação do castigo supremo a Guenièvre.

³³ «E a cima perdera i el-rei todo, se o arcebispo de Conturbe nom fosse, que era parente de raia, e excomungou todo o reino de Logres porque el-rei nom queria tornar a sa molher. Mas quando el-rei viu que a Santa Igreja o constrangia asi, filhou-a» (*Demanda*, op. cit., pp. 482-483). Recorde-se que já no episódio da Fausse Guenièvre o rei passa por uma situação idêntica, sem que a excomunhão seja por si só suficiente para que Artur retome Guenièvre como esposa.

³⁴ «E Lançalot, que jazia ascondudo na foresta, tanto que viu son donzel vñir, preguntou-o: – Que novas trages da raia? – Senhor, diss’el, maas, ca a duzem a queimar. – Assi? diss’el. Ora cavalguemos ca tal a cuida a matar que morrerá por em. E praza a Deus, se nunca ouviu oraçom de pecador, que eu ache i Agravaim que esto bastiu» (*Demanda*, op. cit., pp. 470-471).

militar do seu grupo linhagístico e dando razão à palavras premonitórias atribuídas a Galvam sobre esse mesmo poder que atrás reproduzimos.

A verdade é que, se num primeiro olhar, a condenação de Genevra parecia ser a solução para o problema que assolava o reino de Logres, tal apenas veio agravar a tensão entre as duas instituições – a realeza e a mais importante cavalaria – que até então tinham conseguido manter uma relação de mútua assistência, apesar das passadas falhas de Artur³⁵, por um lado, e do constante agravo cometido pelo melhor cavaleiro ao seu rei e suserano, por outro.

Tendo a rainha sido salva por Lançarot e pelos seus aliados, o rei enceta uma guerra contra estes que ditará de modo inequívoco o seu fim, do seu reinado e do mundo que construíra até então. O combate contra Lançarot não é favorável a Artur³⁶, o que leva a que o monarca perca aquilo que fez dele o rei a cuja corte todos queriam pertencer: Artur deixa, assim, de ter cavaleiros valorosos a seu lado, o que enfraquece definitivamente a sua posição no reino.

Além disso, cabe colocar uma questão final, a nosso ver de capital importância para o entendimento de todo o enredo cíclico: poderia alguma vez o rei Artur ver-se de novo rodeado de uma valorosa cavalaria sem ter junto a si a outra face da realeza, que era a rainha Genevra? A resposta parece ser óbvia e negativa. Deste modo, a denúncia da relação entre a rainha e o melhor cavaleiro, tornada inevitável a partir do momento em que o objectivo da cavalaria – da melhor cavalaria – passou a ser a busca do Graal, com as suas imposições a um tempo misóginas e cristológicas, constituiu também a inevitável implosão da instituição régia, destinada a extinguir-se com a morte trágica e solitária do mais afamado dos reis.

A partir de então, conquanto em grande medida retomados dos textos que haviam construído a primitiva tradição arturiana conhecida – nomeadamente a *Historia Regum Britanniae* e o *Roman de Brut* – os episódios que se alinham até ao fim do romance não mais fazem do que desmentir qualquer possibilidade de retorno à harmonia da primitiva Távola Redonda.

Assim, quando Artur se ausenta para combater o imperador de Roma que ameaça conquistar o território da Gaula, deixando Genevra sozinha e Mordret no comando, a sua soberania rapidamente é colocada em risco e o sobrinho propõe-se mesmo obrigar Genevra a casar com ele³⁷. Com esta tentativa de usurpação do poder por Mordret que

³⁵ São vários os momentos em que Artur falha enquanto rei, começando pelo «pecado original» cometido logo no início do Lancelot, quando deixa morrer o seu melhor vassalo por não lhe ter prestado o devido «auxilium». Sobre este veio narrativo estruturante do ciclo em prosa, ver MIRANDA, *Galaz*, pp. 157-190; LARANJINHA, *Artur, Tristão*, p. 240 e seg.; e I. CORREIA, «A Queda da Orgulhosa Guarda e a Mescheance: Um outro relato do *Lancelot en Prose*», in M. FERREIRA – A. LARANJINHA – J. MIRANDA (eds.), *Seminário Medieval 2007-2008*, Estratégias Criativas, Porto 2009, pp. 157-186.

³⁶ «Enaquela batalha perdeu rei Artur muito e muito mais que os outros. Ca os da linhagem do rei Bam eram de tam grande bondade d'armas que el-rei nem seus homens nom lhis podiam durar que nom perdessem i muito cada vez que se juntavam e esto era muito ameúde» (*Demanda*, op. cit., p. 482).

³⁷ «Quando Mordaret viu que a terra era em seu poder logo pensou que faria de guisa que seu tio nom houvesse a que tornar a ela. E ele amava a raia que nunca a Lançalot amou mais. E fez entom fazer ùas leteras falsas que fez aduzer como de carreira u sai ante os homens bõos de

resultará na célebre batalha de Salaber, a afirmação de um espírito unicamente violento e alheio aos valores da cavalaria torna-se evidente e o objetivo da destruição do mundo arturiano plenamente atingido. Nesta batalha, e porque aquilo que, a essa luz, representa valores de pura negatividade não poderia sobreviver, quer Artur, quer Mordret acabam por se ferir mortalmente³⁸, embora Artur esteja destinado a perdurar na memória e o seu reino a adquirir o estatuto de um autêntico paraíso perdido³⁹.

Importa, assim, não esquecer a importância primordial de Genevra na prossecução do projeto ideológico de construção de um mundo imaginado onde, embora tensa, a relação entre a cavalaria e a realeza numa base de amor e serviço constituía o cimento de uma sociedade de grande vitalidade. De facto, apesar da sua aparente pouca ação, a rainha é na realidade o elemento que permite manter permanente e activa essa relação institucional, já que ela mesma é a parte que permite que a solidariedade da cavalaria para com a realeza se mantenha. Nessa perspectiva, a ocultação da relação adúltera entre a rainha e o cavaleiro assume, ao longo de toda a extensa narrativa, um papel decisivo na sobrevivência e prosperidade do reino.

Do mesmo modo, a revelação deste segredo, determinando a anulação do papel desempenhado pela rainha, levou inevitavelmente à queda de um mundo onde Genevra agia como intermediária permanente. A partir de então, situando-se a melhor cavalaria – aquela que agora se agrupava em torno da ideia de linhagem – de um lado, e a realeza num campo oposto, sem haver qualquer mediador entre as partes, capaz de reconstituir o equilíbrio e a ordem perdidas, o fim era inevitável mesmo antes de os episódios finais o narrarem de forma circunstanciada.

Logres que fizessem Morderet rei e lhi dessem a raña por molher» (*Demanda*, op. cit., pp. 484-485).

³⁸ «Morderet sentiu bem que era ferido aa morte e firiu el-rei seu padre tam feramente que elmo nem almofre nom prestou que a espada nom fizesse entrar atee o osso e do osso lhi talhou gram peça. Daquel golpe foi el-rei a terra e outrossi a terra Mordaret» (*Demanda*, op. cit., p. 487).

³⁹ «Quando Giflet chegou ao outeiro esteve sô ùa árvor atá que se fosse a chuva e começou a chorar e a catar aquela parte u el-rei leixara. E nom esteve i muito que viu vïir per meo do mar ùa barqueta em que vïiam muitas donas. A barca aportou ante rei Artur e as donas sairom fora e foram a el-rei. E andava antr'elas Morgaim a encantador, irmã de rei Artur, que foi a el-rei com todas aquelas donas que tragia e rogou-o entom muito que por seu rogo houve el-rei d'entrar na barca. E, pois foi dentro, fez meter i seu cavalo e todas sas armas; dês i, começou-se a barca a ir polo mar com el e com as donas em tal hora que nom houve i pois cavaleiro nem outrem no reino de Logres que dissesse pois certamente que o pois vissem» (*Demanda*, op. cit., pp. 495-496).

FIDEM's 5th European Congress of Medieval Studies took place in Porto, Portugal, from 25th to 29th June 2013 under the title *Secrets and Discovery in the Middle Ages*. The Congress set out to discuss the presence and importance of secrets in the spheres of imagination, culture, thinking, sciences, politics, religion, and everyday life during the Middle Ages (from the onset of the 6th to the middle of the 16th century). The Congress was designed to promote discussion on secrets and discovery in all the domains of Medieval Studies, in any medieval language, and in a wide array of subjects: Confession and Intimacy; Conspiracy and Betrayal; Government and Diplomacy; Health and Life; Hermeticism and Transmutation; Holiness and Relics; Knowledge and Scepticism; Mysticisms and Kabbalah; Nature and the Supernatural; Past and Future; Planets and Harmony; Prophecy and Divination; Sermons and Preaching; Symbols and Dreams; Truth and Fakes; Unknown Worlds and Lost Places; Warfare and Strategy. In the tradition of FIDEM's meetings, the Congress enjoyed a very high attendance, with addresses delivered on all these domains, of which the present volume includes only a part submitted to and selected by a specialised committee.

Contributors: C. Belo; P. Biller; P. Bourgain; E. Montero Cartelle – M. C. Vázquez de Benito; and J. I. Andújar Cantón; S. Allés Torrent; S. Balibrea González; L. A. Berto; M. L. Botelho; M. I. Cabrera Ramos; M. A. A. Campos; H. A. de Carvalho; C. S. S. Correia; M. Cruz Trujillo; M. M. R. Dias; A. Espigares Pinilla; A. Estefânio; M. A. Fornés Pallicer; A. Fossier; S. Gala Pellicer; M. Garcia-Amoros; A. García Leal; A. Gómez Rabal; D. M. González Doreste; T. Horst; C. Martínez Carrasco; I. Mata; C. Martín Puente; F. M. Plaza Picón; J. Plumtree; O. Prieto Domínguez; M. Puig Rodríguez-Escalona; P. J. Quetglas; E. Rabaçal; A. Rei; C. Romano; P. Saquero Suárez-Somonte; S. Segovia Esteban; J. Soto Chica; C. Teleanu.

This volume is dedicated to the memory of the late Olivia Remie Constable (1961-2014).

Cover: *Adam and Eve still in Paradise*. © Porto, Biblioteca Pública Municipal, ms. Geral 619 (Santa Cruz 87), [15th C.], f. 93r, detail.

